

Redacção e Administração
R. Gravador Molariño, 45
GUIMARAES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propriet. e Editor
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Typ. Luzitania
R. Gravador Molariño
GUIMARAES

Os últimos crimes

Brevemente respondem em audiência de Juri os criminosos que assassinaram cobardissimamente o infeliz Brandão.

Ainda hoje a nossa pena se apavora ante as condições, particularmente criminosas, com que se cometeu esse assassinio!

A cidade revoltou-se e quiz fazer justiça por suas mãos, e se não fosse a guarda republicana, teriamos hoje mais um crime, pois crime seria tirar a vida a esses miseráveis que tam infamemente assassinaram o Brandão, rapaz educado, de boa gente e que só por asar da sorte exercia o cargo humilde de fiscal da Camara.

Era um republicano o pobre Brandão e nós imparciais como somos conquanto se trate de um adversario politico, vimos bradar ao juri da nossa terra que é preciso um castigo rigoroso, limpando a sociedade de sicarios da especie daquelles que breve vão dar contas á Justiça dos seus crimes.

Não deve haver impunidade para esses malvados porque a have-la, o Juri cometeria igualmente um crime! Os Jurados da nossa Comarca teem sabido honrar o seu cargo e é de esperar que tenhamos mais uma occasião para louvar a honestidade e a hombridade dos homens que são os juizes de facto do nosso tribunal.

Na memoria de todos está esse crime horrivel e se o não estivesse, se algum jurado das aldeias desconhece as condições barbaras e canibalescas como foi prepetrado esse crime esse desconhecimento será nullo ante as provas de accusação honesta que vai fazer o esclari-

recido Delegado do Procurador da Republica.

Sua Ex.ª é um magistrado competente, honesto e inteligente, completando preciosamente a honestidade, probidade, competencia, zelo e inteligencia do Meretissimo juiz de Direito da nossa Comarca, a quem todos tecem elogios pela alta imparcialidade com que se há em todas as questões impostas ao seu douto parecer.

E' bem, agradável á redacção do «Ecos de Guimarães» prestar as suas homenagens aos illustres Magistrados da Comarca e tanto mais sincera é a homenagem quanto é uma certeza o abismo que separa as nossas convicções politicas das de Suas Ex.ªs.

Ambos republicanos e nós cada vez mais monarchicos, a nossa Causa que é uma Causa de Ordem e verdadeiramente Nacional é imparcial e justa e conquanto poucas e raras vezes tenhamos que louvar um adversario, reconhecemos hoje a Justiça que nos assiste nas palavras de encomio que dirigimos ao nosso Juiz e ao nosso Delegado.

E com Magistrados como Suas Ex.ªs não pode amanhã o Juri de Guimarães, absolver grandes criminosos como os que vão sêr julgados, que tiraram a vida a um pobre rapaz, inofensivo e educado. Cumpra-se a lei e não nos venham dizer que esta campanha representa odio.

Não, nem conheciamos o assassinado nem os criminosos.

Somos absolutamente imparciais e ao incetarmos esta luta só temos um fim, fazer justiça e nada mais!

Polycarpo de Azevedo

Resvestiu um alto significado moral e politico o almoço oferecido, no Hotel de l'Europe, ao sr. almirante Polycarpo de Azevedo. Foi como que uma demonstração de forças politicas e um cemo que indece representativo do que são e do que valem as intellectualidades que presidem ao destino da Causa Monarchica.

Esta homenagem prestada ao sr. almirante Polycarpo de Azevedo por parte dos corpos representativos da Causa tinha como fim significar-lhe o alto apreço em que é tido pelos seus correligionarios a sua inabalavel fé nos destinos da Causa Monarchica e demonstrar-lhe a sua completa solidariedade perante a sua nobre attitude de pedir a demissão de official superior da Armada por se não querer sujeitar aos vexames que lhe pretendeu infligir um seu antigo subordinado hoje guindado, pelos caprichos da politica republicana, ao alto cargo de ministro da Marinha.

A imprensa monarchica via-se ali representada pelos srs. José Augusto Moreira d'Almeida, dr. João Moreira d'Almeida e João Costa pelo «Dia», dr. Anibal Soares e sr. Camara Lima pelo «Correio da Manhã».

DISTRACÇÕES

?...

Façam o favor de ler: «Segundo noticias de Cantão, foi um redactor dum jornal chinês quem espalhou a noticia da morte do presidente Sun-Yat-Sen sendo condenado á morte por este motivo.»

Leram? E' claro que Sun-Yat-Sen não chegara a morrer, mas morreu ou morrerá o tipo que, num jornal, por má informaçao, dissera que estava morto e bem morto.

Tenho pena deste redactor, uma dôr tão natural como sincera, pela sua malfadada sorte de ter nascido em terra china, quando, se tivesse nascido em Portugal, as condecorações a ornar-lhe o peito. Aqui para dar como morto alguém assim de categoria, não precisava de pena e jornal: uma pistola bastava, e, hoje um presidente, amanhã um gerente duma empresa, depois um patrão de fabrica, quarta-feira um escritor, quinta um monarchico, sexta um padre, descaçando no sabado, teria a vida regulada, seria um grande patriota, daria entrevistas a jornais estrangeiros, era empregado publico sem trabalho e grosso ordenado, ditaria leis, seria tudo, não faltariam subscrições a seu favor caso deixasse escapar ou conhecer o estado precario da bolsa, ou precisasse modernisar o armamento!

Lá deu uma falsa noticia de morte: aqui daria a morte certa. Lá morre: aqui viveria!... Ha casos nesta republica da morte que me fazem assemelhá-la com uma agencia funeraria, quantas mais mortes á sua volta, mais vida, mais vida á agencia, mais lucrativa se torna a sua exploração!
V. M.

Uma Carta

O illustre professor do Liceu Martins Sarmiento e nosso prezado amigo sr. Doutor José Francisco dos Santos enviou a um colega nosso a seguinte carta, que transcrevemos:

«Ex.ª Sr. Director do jornal «A Razão»

Sem intuitos de polémica e apenas para esclarecimento da verdade, permita-me V. Ex.ª sr. Director, fazer algumas rectificações ao artigo sobre «Baden Powell», publicado na «Razão» de 16 do corrente.

Num assunto que, como o escotismo, está despertando tanto interesse nesta cidade e que é ainda tão mal conhecido, é da maxima conveniência evitar os mal-entendidos. Não posso por isso deixar passar sem reparo algumas afirmações menos exactas do referido artigo que, aliás está escrito em termos correctos.

Diz o colaborador da «Razão» que «nas palavras de Baden Powell não transparece nada que se refira a alguma crença religiosa». Esta afirmação, um tanto imprecisa, presta-se a duas interpretações, ou o articulista pretende dizer que Baden Powell não criou o «scouting» para uma só e determinada confissão religiosa ou ele entende que o fundador do escotismo prescinde inteiramente da religião no seu sistema educativo.

No primeiro caso estamos plenamente de acôrdo; mas a dar-se ás palavras citadas a segunda interpretação, e foi essa, creio eu, a que a maioria dos leitores lhe deu, temos a declarar que o articulista está inteiramente enganado. Baden Powell exige dos scouts o cumprimento dos seus deveres religiosos, seja qual for a religião que professa. Não admitte interpretação diferente o primeiro artigo da «promessa» que ele redigiu assim: «Prometo por minha honra empregar todos os meus esforços para cumprir os meus deveres para com Deus e para com o Rei (trata-se dos Scouts ingleses). Não falseia pois as intenções de Baden Powell a organização dos Scouts Católicos Portuguezes nem a mesma representa qualquer inovação. Com o aplauso do proprio Baden Powell organizaram os católicos ingleses e belgas os seus grupos e o mesmo, creio eu, podem fazer os portuguezes.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me, sr. Director, com toda a consideração

De V. Ex.ª

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

Guimarães, 22 de Maio de 1924»

De luto

Encontra-se novamente de luto pelo falecimento de sua Sogra o nosso prezado amigo e correligionario, sr. Antonio de Assunção Pires, o que muito sentimos e a quem apresentamos os nossos mais sinceros sentimentos.

O Liceu de Guimarães

E A

Sociedade M. Sarmiento

A convite da benemerita Sociedade Martins Sarmiento reuniram na sala nobre muitas das principais individualidades desta terra, tendo-se resolvido por voto unanime dar todos os poderes á illustre Direcção daquella colectividade para tratar junto de quem de direito da conservação do curso complementar de letras.

Tomou a presidencia o respectivo presidente da Assembleia Geral sr. Dr. Joaquim José de Meira, que deu a palavra ao sr. Dr. Eduardo de Almeida, presidente da Direcção da Sociedade, que apresentou a assembleia um trabalho brilhantissimo, historiando desde a fundação do nosso Liceu até aos dias de hoje e provando com as estatisticas officiais que o Liceu de Guimarães era no curso complementar de letras o terceiro de mais frequencia.

Não, é pois, justo que o governo suprima um curso que sendo o terceiro do paiz, (Coimbra, Passos Manoel em Lisboa e Martins Sarmiento em Guimarães) tanto honra esta terra, não só pela competencia dos seus professores como ainda pela sua frequencia.

Usaram a seguir da palavra os srs. Drs. Dias Pinheiro e Rocha dos Santos, sendo apresentados diversos alvites, ficando por voto unanime da Assembleia com plenos poderes para intervir junto de quem de direito, a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento.

E certos estamos que esta benemerita e prestante Colectividade vai envidar todos os esforços ao seu alcance para que ao Liceu Martins Sarmiento não seja tirado o curso complementar de Letras, porque a sê-lo representa para a cidade a mais flagrante e cruel injustiça.

Merece os nossos aplausos a benemerita Colectividade e a seu lado sempre estaremos na defesa dos legitimos direitos da nossa terra que tam esquecida tem sido pelos poderes politicos.

E' tempo de acordarmos e dizermos a justiça que assiste á pretensão que Guimarães tem em conservar completo o curso do nosso Liceu, abatendo-se todas as bandeiras politicas junto da Sociedade, que neste momento deve ter á sua volta todos os vimaranenses dignos deste nome.

«Scouts,, Catolicos

«O Diario do Governo, 1.ª série, n.º 116, de 26 do corrente, publicava, sob o n.º 9.729, e o seguinte «decreto»:

Usando da faculdade que me confere o n.º 3 do artigo 47 da Constituição Política da Republica Portuguesa: hei por bem decretar a aprovação dos estatutos do Corpo de «Scouts,, Catolicos Portuguezes, com sede em Braga, que a seguir vão assinadas pelo Ministro do Interior e que já vigoravam por portaria de 26 de Novembro de 1923.

O Ministro do Interior assim o tenha entendido e faça executar.

Paços do Governo da Republica, 26 de Maio de 1924—Manuel Teixeira Gomes—ALFREDO ERNESTO DE SÁ CARDOSO.

«O Portugal,,

Dêu-nos o grato prasêr da sua visita este nosso querido e distincto coléga de Coimbra, que vem pugnár pela Restauração da Monarquia.

Ao novo colega, que se apresenta brilhantemente redigido, apresentamos os nossos cumprimentos de boas-vindas, desejando-lhe longa vida e muitas felicidades, esperando que os nossos correligionarios lhe dispensem todo o seu auxilio.

«O Fafense,,

Assumi a direcção deste nosso prezado colega, da vizinha vila de Fafe, o nosso distincto colaborador e amigo sr. Laurentino Alves Monteiro.

Por tal motivo felicitamos o «Fafense».

«Acção Realista,,

Recebemos a nova revista quinzenal «Acção Realista,, de que é redactor principal o sr. Ernesto Gonçalves.

Os nossos cumprimentos.

Pelos Correios

E' lamentavel o que se tem passado adentro desta importante corporação; lamentavel por que casos se deram de indisciplina e nada ha, mais de lamentar do que essa tristissima insubordinação.

Felizmente, ainda bem que foram uns casos isolados, por assim dizer, em diminuta quantidade, mas que devem ser reprimidos, pois faltas desta natureza carecem de rigoroso apuro.

Agora, por seu lado, é o snr. Ministro da Guerra quem, impavidamente, tem recusado toda a especie de plataforma para a solução do conflito do Pessoal Maior Júlia Sua Ex.ª, ou alguem que os serviços se vão normalizando, mas é uma doce ilusão!

E' grande a desordem e até paralisação de diversos serviços. Mas além disso, ha a questão moral que não devia, por forma alguma, ser banida do pensamento do sr. Ministro da Guerra, atendendo a que se trata de funcionarios dignos, considerados, sabedores e zelosos, cuja assiduidade do serviço é das mais reconhecidas e incontestaveis.

Ora, não obstante apregoar-se aos quatro ventos que aqueles funcionarios estão em greve, com o intuito de sobre eles cair o odio, a verdade é que as suas qualidades e os seus complexos estudos technicos, não deviam por tal motivo merecer da parte do governo um semelhante desprezo e arrogancia. Sem duvida que não pretendemos com estas palavras, imparciais mas justas, apoiar a greve—seja ela de quem for,— não. Mas é certo, tambem, que achamos grande parcialidade do governo *contra* o Pessoal Maior dos Correios, quando, se fosse criterioso e justo, não deixaria atingir o grau culminante que atingiu. Ainda hontem trocamos algumas palavras com um exemplar funcionario dos correios, quem este estado de coisas tem chocado profundamente, que nos contou toda a emaranhada questão, frisando-nos que não foram voluntariamente para a greve, pois a força armada a ela os arastou, como já está dito por todos.

Não podem, de resto, retomar o serviço sem completa evacuação das tropas. A attitude do governo tem sido, pois insólita mesmo, e provocadora numa arrogancia bem dispensavel! Hostilidades...

Não tomamos paixões, mas a verdade manda dizer que estes funcionarios, como é sabido, não tiveram desde Janeiro a mais pequena satisfação ás suas reclamações e tem direito a viver, a não ser que lh'o negue os snrs. Ministros, cujo ordenado deve ser cho-rudo!

Mas assim lhe pagam, aos Correios, como recompensa da sua dedicação pela republica!

Quanta desilusão e quanta amargura os pobres funcionarios terão sofrido!

O "ECOS DE GUIMARÃES," É O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM DESTA CIDADE.

"Ecos de Guimarães,"

Ex.º Sr.

"Horas de Sonho,"

II

Meia noite. Flora fantastica de lendas e duendes. hora em que os raros transeuntes se dirigem apressados para Casa. Mal tinha acabado de soar a ultima badalada num campanario proximo e já as ruas se mostraram desertas e tristonhas. dormindo sob a vigilancia da lua prateada. Um gemido vago e doloroso cortou distintamente a solidão da noite. acompanhado por um soluço contante que se perdeu lá longe, muito ao longe, nas azas salutarres da briza. A lua vinha baixando lentamente iluminando com os seus reflexos poéticos o corpo cadavérico duma creança que se via estendida ao canto dum portal.

Ninguem perturbava e então aquêle silêncio profundo, ninguem estendia a mão áquele esqueleto da miseria que se ia finando a pouco e pouco nas entranhas torturantes da fome. Só a lua branca e diáfana enviava áquele corpinho mártir, o perfume inebriante dos seus raios.

Vinha passando de perto um pobre e vil rafeiro, farejando aqui e ali um osso descarnado para mitigar a fome, quando deparou ao canto do portal com o espelho da sua triste sorte. Olhou compadecido para os restos daquella vida que se ia extinguindo, soltou um uivo lancinante e prolongado e foi juntar-se á creança delitando-se a seu lado.— E quando a aurora rompeu, espalhando por sobre a natureza a vida e o trabalho viu-se estendida na calçada fraternalmente a um pobre cão vadio.

ELISIO GONÇALVES.

Lusitania

PAPELARIA—TIPOGRAFIA
Rua Gravador Molarinho 47
(Perto do Tribunal)

Novas Inspeções

No presente ano vão realisar-se revistas de inspecção a que tem de comparar nos dias que forem oportunamente designados, todos os individuos que pagaram a praça, aqueles que já passaram á reserva, e os que ainda estão prestando a obrigação do serviço militar mas se achem licenciados, os que foram apurados definitivamente pelas juntas de revisão durante o periodo da Grande Guerra, e os julgados isentos condicionalmente pelas diferentes juntas de recrutamento e regimentos apurados para os serviços auxiliares.

Aos faltosos será aplicada a multa de 10\$000 pela primeira vez, a que acrescerá o imposto de justiça quando não seja paga voluntariamente.

Chapeus, camisas e gravatas ligas e suspensorios, a Casa Martins, tem o melhor sortido.

Do Porto a Vimaranes

Acabou aquêle principal motivo porque á cidade se deu ultimamente o aspecto belico, com tropas de cavalo, «pateando», estrondosamente, pelas calçadas ruas declinadas, e camionetes de «costureiras»—que é como quem diz metralhadoras pondo estremeções terremóticas nos pavimentos e abalando, até aos alicerces, os edificios mais solidamente construidos.

Voltou o bulício, a azafama a febre do movimento, o barulho, o palavrão dos carroceiros de mistura com o estapido encontrão dos transeuntes, isto é, voltou a vida a este burgo decantado e invicto, que nós conhecemos trabalhador, mas pacato e decente, num «voa bai ela» característico que lhe dava fóros de ignorante ou inculto, mas não o inculcava, como hoje o inculca, fonografo pornografico de barbarismo linguístico.

Parado, o que se chama parado, temos apenas o pessoal maior dos correios e telegrafos, sobre a cabeça do qual está suspensa a espada... do ministro do commercio. Esse é que não está para magadas, não lhe soffrendo o animo os impulsos do pessoal menor, que, se os calculos me não falham é quem «tudo lo manda» num fature proximo, tão certo é os sapateiros tocarem já rabecão como artistas consumados. Que não senhor, que não retomam os serviços sem uma satisfação plena, sem que aos discolos seja aplicado o devido correctivo, etc., etc. Os filhos de Deus ainda veem as coisas pelo prisma antigo, alheios a esta indisciplina geral que tudo subverte, e no risco immediato de ainda serem tomados por «talassas»,—os pobres de Cristo, os tristes ingenuos, a 14 anos distantes desta civilização de fraternidade e não sei que mais causas correlativas...

De resto, tudo se move febrilmente: como num delirio.

No palacio d' Ajuda então, parece descobrir-se agora um «movimento lazaretado», e, como por artes demoniacas, tu lo se mexe dali para bandas transoceánicas—dizendo uns, dizem outros para áquem do mar, com uma semcerimonia, uma facilidade, um desplante, que não é ousado afirmar ter lá entrado, de subito, a enxurrada e varrido de alto a baixo as suas preciosidades mais raras. E' aquêle movimento insano, aquêle agulhão em briza, de que nos fala o snr. Guerra Junqueiro nos seus versos, a espiçaca, a tanger para as mansões do ouro esta gentinha duma voracidade selvática.

Nós já tínhamos dado pelo toque de unir fileiras buzinado pelos arautos do regime, mas não perceberamos bem. O caso, agora, clareia-se. Realmente, onde hade estar o perigo monarchico, a não ser no palacio d' Ajuda?

Voss'elencias desculpem. Ia-me esquecendo. Cr'iam que não foi de proposito.

A verdade, a triste verdade, a verdade verdadeira—meus senhores—é que tambem está parado. faz que anda, mas não anda, aquêle movimento militar que hade atirar com isto tudo para o inferno, para que ainda soem horas de paz e de progresso, de liberdade e justiça, neste torrão mártir de vergonha e infortunio. Tenham paciencia, mas, verdade—verdade, só está!

JOSE DE SABARIS.

Nota: Não costumamos corrigir os erros dos nossos considerandos. E' tarefa que deixamos aos leitores, e, para se entreterem, já temem que escavacar na nossa ultima carta.

J. DE S.

Pelo Sport

O Desafio Vitória-Academico

A convite do Vitória Sport Club desta cidade, visitou-nos o Academico Foot-ball Club do Porto, tendo jogado no Campo José Minotes, um interessante desafio.

E' para louvar a direcção do nosso primeiro Club, porque trazendo a esta cidade «teams» bons, nos proporcionam tardes de bom ou regular foot-ball.

Este desafio teve o condão de interessar o mundo desportista vimaranense.

Não era com grande difficuldade que se lia na cara de todos esta interrogação: quem vencerá?

E, parece-nos que esta duvida, contribuiu bastante para o resultado do «match», desmoralizando as hostes do Vitória que nessa tarde jogou mal, mesmo muito mal.

Relatemos: A's 5 e 15 deu o arbitro inicio ao jogo, estando os grupos assim constituídos:

Vitória:—Gervasio, Augusto Mendes e Jordão; Antonio Mendes, José Campos e Mota; Armando Freitas, Artur Mendes, Adriano, Aires e Evaristo.

Academico:—Macedo, Agostinho e Mario Rente, Ernani, Falção e Bastian; José Caldeira, Domingos Caldeira, Ferreira, Laroze e Fonseca.

Depois do pontapé inicial, é o jogo suspenso por 2 minutos, em sinal de sentimento pela morte de Vicente Pinto de Faria, que foi jogador do Vitória; a assistencia levanta-se e descobre-se lembrando o pobre morto que contava muitos admiradores.

Findos os 2 minutos o jogo começa, notando-se logo de principio que o Vitória se defrontava com um «team» de respeito.

O Academico, sensivelmente mais pesado dominou sempre a bola. As defesas de Guimarães não tem mãos a medir. Gervasio faz algumas defesas lindas e Augusto alivia bem. Numa fugida soberba de Artur e Armando, este remata ás 5 e 27 a primeira bola da tarde.

Muitas palmas e um sorriso de esperanza a bailar nos labios de todos.

Bola ao centro e o mesmo dominio do academico, que marca cantos successivamente contra o grupo vimaranense.

Gervasio continua a defender bem, sendo carregado ás 5 e 48 por um jogador do Academico, tendo, desta forma, este grupo marcado o seu primeiro goal, terminando a primeira parte com o empate de 1-1.

Recomeça o jogo ás 6 e 10, tendo o Academico obtido a segunda bola em virtude de um falhanço de Gervasio aos 2 minutos de jogo. e a terceira aos 6 minutos.

Talvez pela razão de entrarem estas duas bolas seguidas, o Vitória que até ali jogou mal, peor jogou ainda.

O Academico marca a quarta bola ás 6 e 38 e passados dois minutos Armando remata sendo um dos defesas do adversario que contribue para que mais um ponto seja marcado a favor do Vitória.

A's 6 e 54, um minuto antes de terminar o desafio o Academico marca a sua quinta bola, terminando assim este encontro com o resultado a favor do Academico de 5-2.

A arbitragem de Antonio Neves Engenio, agradou absolutamente; foi imparcial.

E' lícito salientar do grupo Academico a meia defeza centro e a ponta direita.

Do Vitória, como dissemos, tudo jogou mal, salvando-se ainda

Carteira

Aniversarios

Na proxima semana fazem anos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

- Dia 3—D. Emilia Candida Reis, D. Maria do Carmo Martins de Queiroz Montenegro e Beatris Silva Ribeiro.
- Dia 4—D. Ercilia Leite Mendes Guimarães, D. Beatriz Cunha Ribeiro e Francisco Martins.
- Dia 5—D. Elvira Leão Cruz de Almeida, Dr. Gaspar de Abreu Lima e Artur Leite de Castro.
- Dia 6—D. Maria Martins Sarmiento, e D. Maria Constança Martins Queiroz Soares.
- Dia 7—Dr. Antonio Couto.
- Dia 8—D. Maria Carolina do Amaral Ferreira.

Batisado

E' hoje batisada solenemente na parochial de S. Paio a filha do nosso querido amigo snr. Rodrigo Pimenta.

Da encantadora criancinha, que receberá o nome de Maria Emilia, serão padrinhos a sua gentil irmã mais velha a menina Maria Zulima e o tio paterno snr. Germano de Paiva.

Os nossos cumprimentos.

Antonio de Carvalho

Encontra-se na sua casa do Paço o nosso distinto colaborador e presadissimo amigo snr Antonio de Carvalho Cirne.

—Com sua ex.ª familia esteve nesta cidade o snr. Capitão Antonio Bacelar.

—Partem por estes dias para Vizela as ex.ªs Senhoras D. Maria Matos e D. Maria do Espirito Santo Corrêa de Matos Cardoso.

—Regressou do Gerez com sua ex.ª esposa o snr. Luiz Cardoso Martins de Menezes (Margaride).

—Da mesma estancia regressaram as ex.ªs familias dos snrs. Alberto Cardoso Martins de Menezes (Margaride) e Antonio Leite de Castro.

—Esteve nesta cidade a ex.ª familia do snr. Alfredo Bravo.

Novo titular

O nosso illustre correligionario snr. dr. Luiz Antonio Malheiro de Fava Abreu e Lima foi auctorizado, por quem de direito, a usar o titulo de conde da Carreira, que pertenceu a seu tio-avisavô o grande diplomata e aio de el-rei D. Pedro V e de el-rei D. Luiz I.

Ao novo titular a sua esposa, a nobre senhora condessa da Carreira, D. Maria de Jesus d'Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho, os nossos parabens pela distincção que acabam de receber.

Conego Alberto Vasconcelos

Faz hoje anos o nosso querido amigo snr. Conego Alberto da Silva Vasconcelos, distinto professor do Liceu e que toda cidade considera e estima, sendo sem favor, uma das mais simpaticas figuras da nossa terra.

Afectuosamente o abraçamos dirigindo-lhe com as nossas mais amigas saudações os melhores votos pela sua saúde e felicidades.

Mês de Maria

Hoje celebra-se uma pomposa solenidade na igreja da Misericórdia como conclusão do Mês de Maria que ali se fez com a maior piedade e frequencia.

O trono da Virgem Santissima tem estado sempre um formoso bouquet de flores ali colocadas com fino gosto e muito mimo.

O sermão foi confiado ao sur Padre João Oliveira, de Mesão-frio.

TODO O BOM MONARQUICO DEVE ASSINAR O ECOS DE GUIMARÃES.

assim Gervasio, Armando e Augusto. Pessimamente jogaram Evaristo e Jordão que nos parece não estarem á altura de jogar nas primeiras do Vitória.

Festa N. da Educação Civica

No proximo numero, faremos referencia a esta festa.

SERGIO VIDAL.